

Pequeno manifesto de uma crítica literária para os anos 2010

Noemi Jaffe

Escritora e Profa. Dra. PUCSP.

1. Que a crítica se reconheça cada vez mais por aquilo que ela é na etimologia: **CRISE**. Que a crítica possa estar em crise e assumi-la no corpo de sua linguagem.
2. Que a crise da crítica se manifeste por uma linguagem de possibilidades e não de certezas.
3. Que a crítica literária também possa ser literária em alguma medida e assuma, para com seu objeto, o lugar de parceira.
4. Que a crítica aprenda a nunca ser maior nem melhor do que seu objeto. Que ela sirva para iluminar o mistério e não para desvendá-lo.
5. Que o crítico saiba que ele também tem subjetividade e, por isso, saiba dosá-la. Não ocultá-la nem escancará-la.
6. Que o crítico saiba que ele também vive em uma circunstância e que, por isso, escreve para o outro, sem facilitar nem dificultar, mas estabelecendo desafios.
7. Que o crítico desperte no leitor o desejo de ler o objeto que critica.
8. Que o crítico não queira adaptar-se aos tempos da internet e escrever em linguagem rápida e esperta.
9. Que a crítica literária não seja generalista. Tanto em termos de linguagem, evitando termos como “o tempo e o espaço na narrativa”, como em termos de análise, evitando querer abarcar a obra “como um todo”.
10. Que a crítica literária não se compraza em destruir obras e autores e nem se furte a expressar discordâncias.
11. Mas que a discordância da crítica seja feita a partir da ideia da crise crítica; uma discordância argumentada pelo e no texto, reconhecendo-se a si mesma como leitura e não como veredito.
12. Que as informações cada vez mais acessíveis sobre a vida do autor não interfiram na crítica literária.
13. Que as discussões sobre leitura historicista e formalista reconheçam seu desgaste e se abram para uma crítica que permite seu convívio, sem por isso manter-se “em cima do muro”.

14. Que a crítica assuma a ética de buscar os autores novos, não consagrados, que cada vez mais se espalham e se expressam na internet, nos saraus, nos festivais.
15. Que se extinga o nome “sarau” e se invente um novo nome, como “encontros” e que os críticos os freqüentem.
16. Que a crítica não se satisfaça nem busque criar polêmicas gratuitas, cujo maior objetivo é vender o meio em que ela é publicada e/ou aumentar a popularidade do crítico.
17. Que a crítica literária seja exclusivamente literária; ou seja, que o leitor não possa aplicar o que lê a outras linguagens e áreas do conhecimento.
18. Que o crítico busque ser autoral.
19. Que o crítico conheça a ética do novo – aquela que diz que a literatura deve fazer o leitor conhecer aquilo que ainda não conhecia, pensar o que não tinha pensado, amar o que não tinha amado. E não a anti-ética do novo, que é a que considera o velho como ultrapassado.
20. Que haja mais espaço físico para a crítica literária nos meios impressos e mais difusão nos meios eletrônicos, para que a crítica seja um incentivo para a leitura em todos os cantos do país, para que haja maior interlocução entre os críticos de várias partes do Brasil, para que o leitor exigente seja contemplado e o leitor não tão exigente procure sê-lo.
21. Que nenhum crítico literário aceite fazer resumos de livros de vestibulares, pelo preço que seja.
22. Que a crítica ame a literatura e gere amor por ela.